

FO  
CX 28B  
1772/1995

REVISTA  
**GEOGRÁFICA**  
UNIVERSAL

XINGU  
A LUTA DO  
HUKA-HUKA

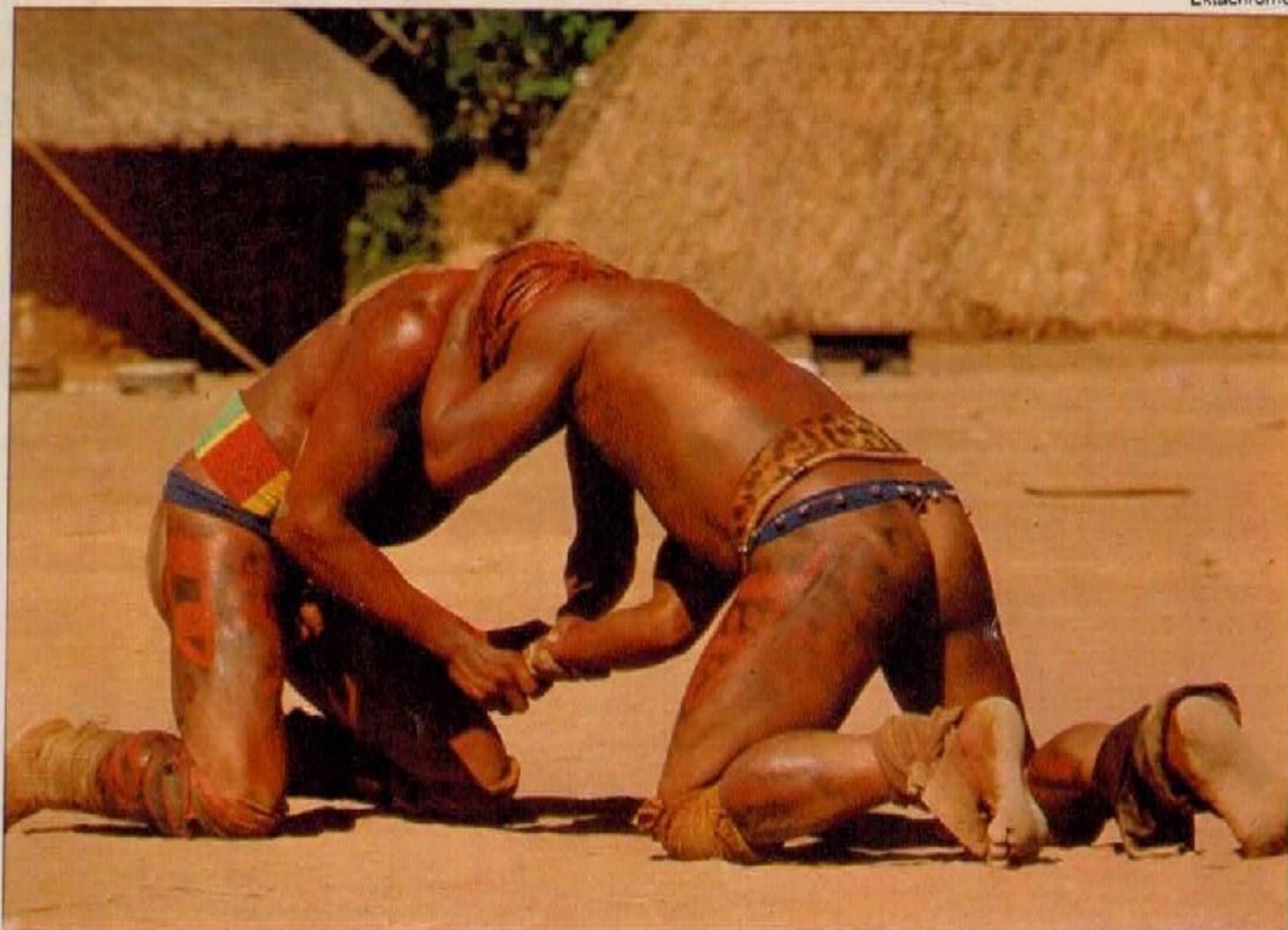
GIVERNY  
O PARAÍSO  
DE MONET

IRAQUE  
BERÇO DA  
CIVILIZAÇÃO

AMARNATH  
A GRUTA  
DE XIVA

**Edição especial, destinada à classe médica\***  
Não pode ser vendida ao público

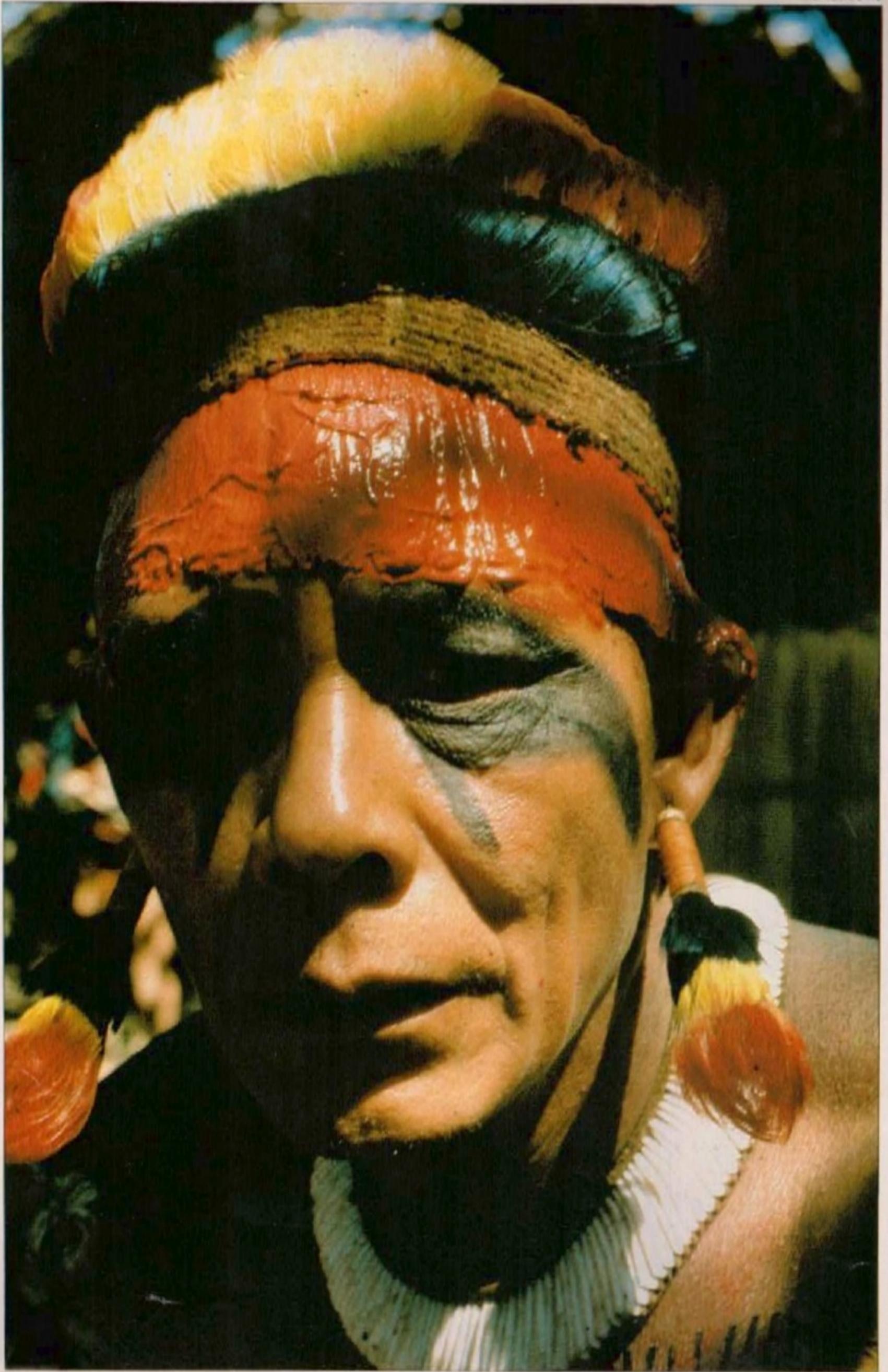
Ektachrome

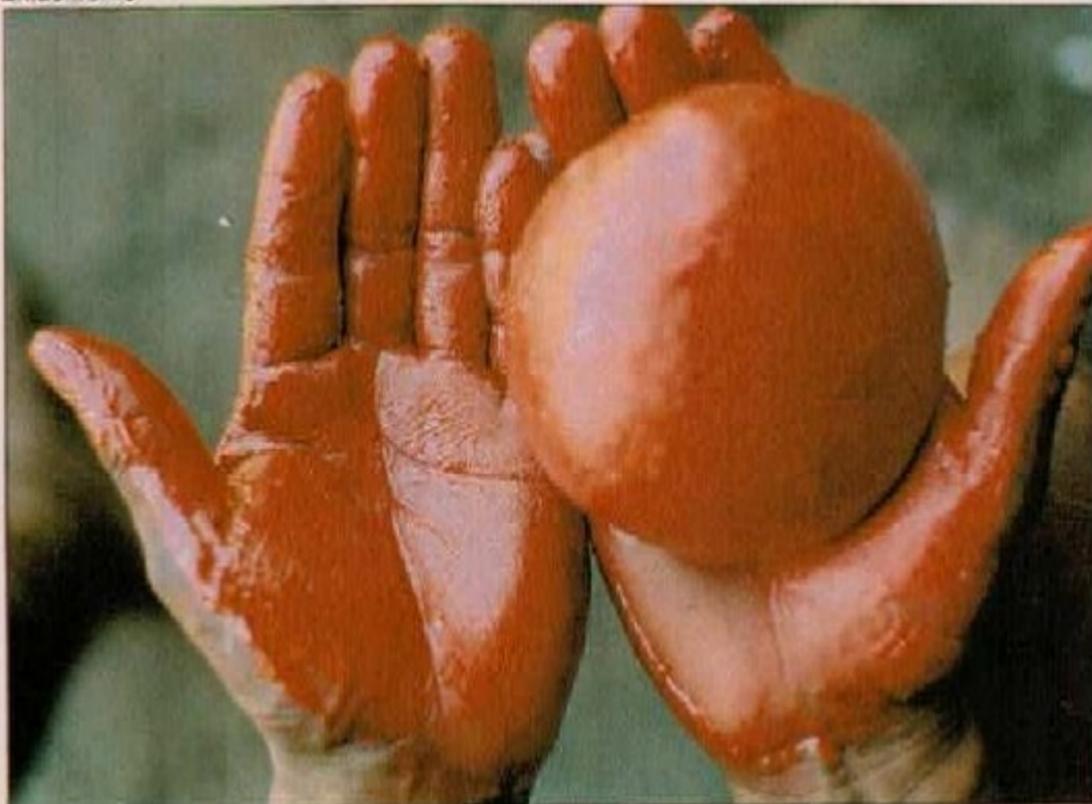


## Huka-Huka: A Luta Pelo Prestígio

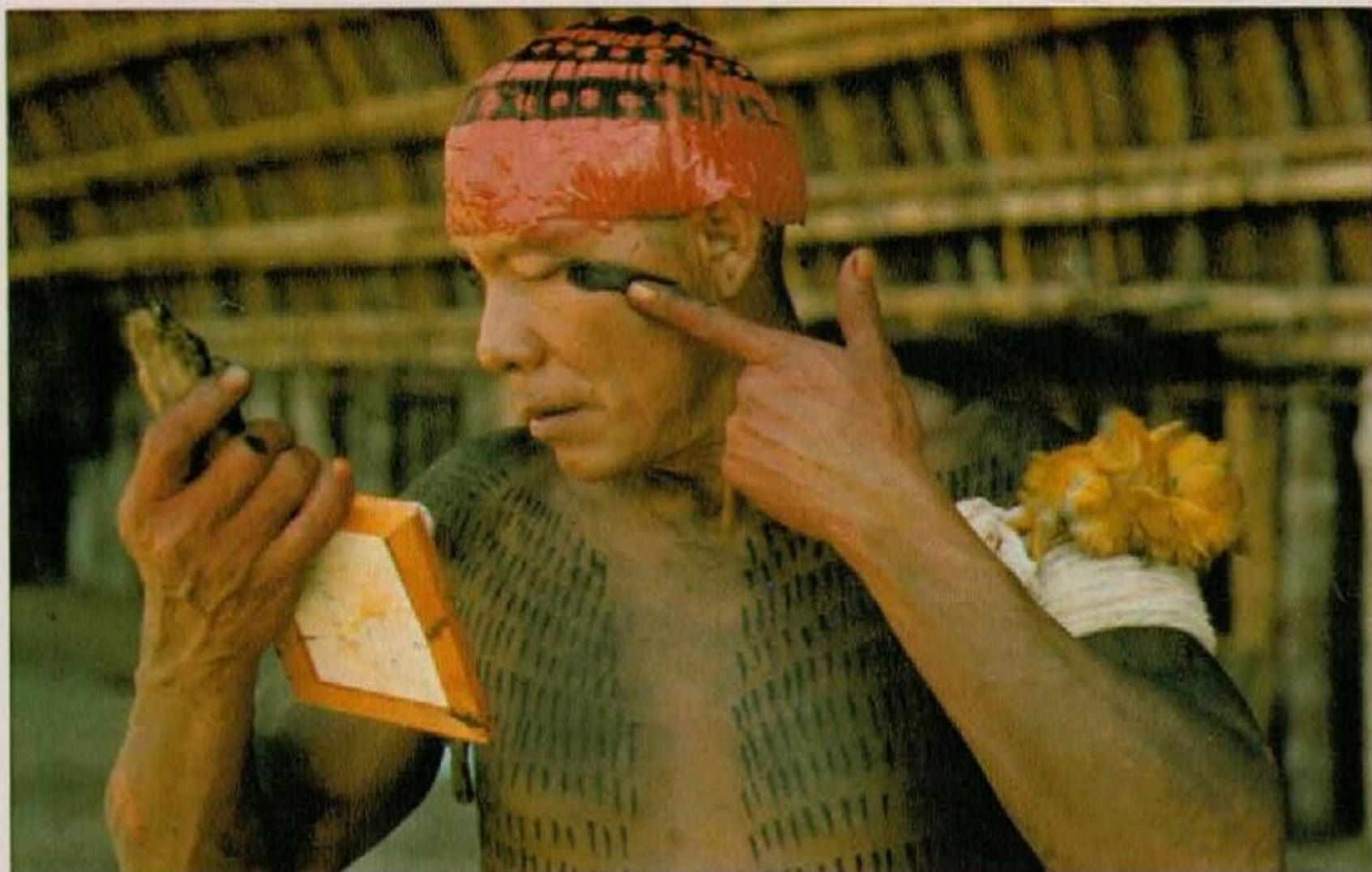
Texto de MARLENE ANNA GALEAZZI ● Fotos de VIC PARISI (Filmes Kodak)

**Q**UANDO chega a época das festas do Quarup e do Jawari nas aldeias da reserva indígena do Xingu — o que se dá entre os meses de maio e outubro, quando o clima é mais favorável e raramente chove — todas as aldeias se preparam para esse momento importante em que se promove um contato mais íntimo entre as tribos da reserva. Os homens se pintam para as comemorações, armazena-se comida, que sempre será farta, e os mais fortes ou hábeis são escolhidos pelos líderes para participar do huka-huka, uma luta de caráter ritual praticado entre os valentes de cada tribo e que sempre se transforma no ponto alto dos festejos. No huka-huka cada lutador tem por objetivo derrubar o seu oponente. No dia em que ele se realiza cada lutador cobre o corpo com óleo de pequi — que os tornará mais escorregadios — e, no momento de participar do combate, todos tiram seus ornamentos. Apesar de muito acirrada, a luta huka-huka não tem por objetivo ferir ou humilhar os vencidos.





**Takumã**, Capitão Kamayurá e o maior pajé do Xingu, foi, quando jovem, um dos mais famosos campeões de huka-huka. Ele é visto na foto da página anterior paramentado e pintado para o Jawari. Na foto ao lado, o urucum com que os índios irão se pintar. Embaixo, um índio se pintando para as cerimônias do Quarup e do Jawari. Na foto da página 13, o huka-huka, e, nas páginas 16-17, índios da tribo dos Waurá dançam na cerimônia do Quarup.



Desde a década de 1880 — quando o etnólogo alemão Karl von den Stein, numa viagem pioneira que tinha por finalidade fazer pesquisas, percorreu o rio Xingu, entrando em contato com várias tribos primitivas — até a década atual, muitas coisas mudaram e outras permaneceram intactas naquelas terras povoadas por numerosos índios de diferentes grupos lingüísticos. Rivalidades intertribais, a chegada do homem branco (em alguns casos com doenças até então desconhecidas daqueles povos) e a disputa pela

terra provocaram a extinção de algumas nações, sendo que outras quase foram dizimadas. Para proteger algumas tribos indígenas daquela área — hoje em número de dezesseis — e dar-lhes condições de sobrevivência dentro de uma reserva natural, o governo teve de criar em 1961 um parque nacional. Os índios passaram a conviver pacificamente, inclusive com trocas comerciais, matrimoniais e relações de rituais. Assistidos por diversos postos da Funai, e encontrando-se num processo lento de aculturação onde sua cultura ori-

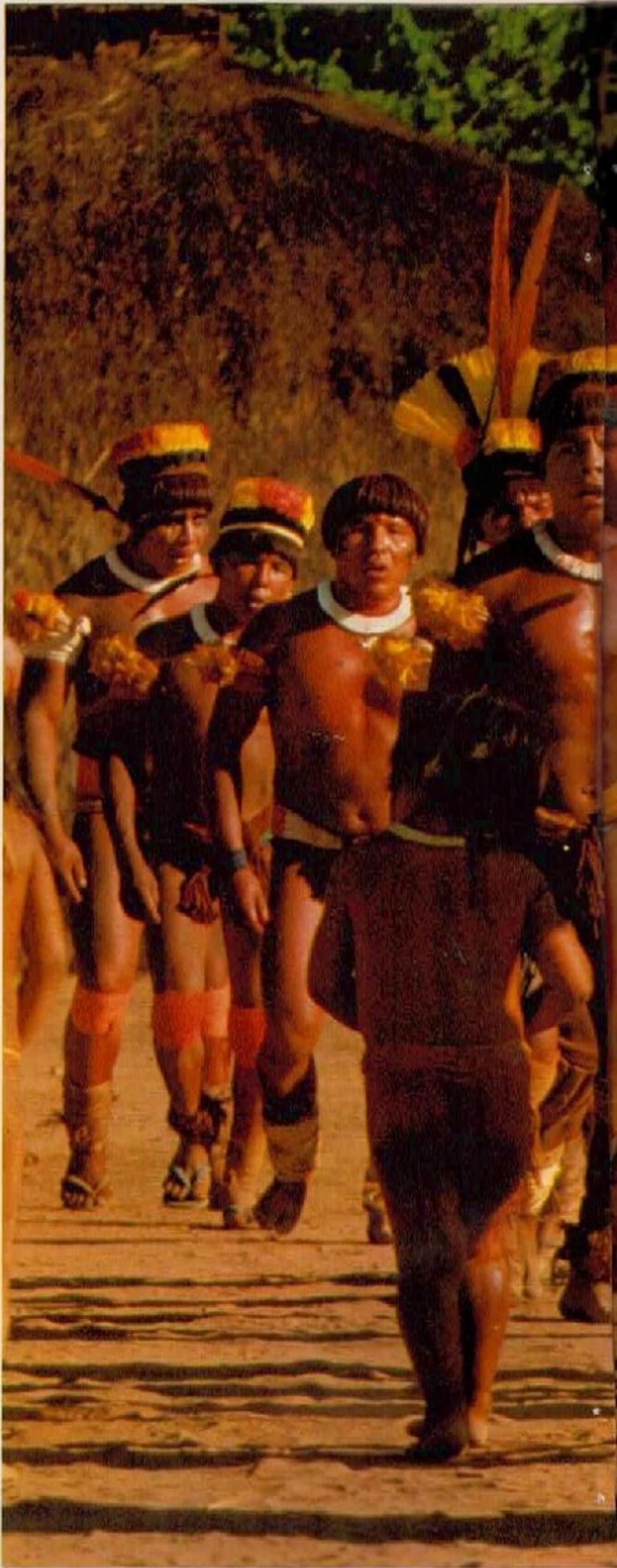
ginal é respeitada, eles mantêm vivas as suas tradições, seus costumes e, principalmente, suas cerimônias e rituais. E entre as tradições mais vivas está o huka-huka — a luta pelo prestígio.

O huka-huka, uma luta ritual esportiva de caráter intertribal, apesar de ser praticada quase que diariamente no centro das aldeias, transforma-se no ponto alto das atenções e dos interesses das cerimônias de que faz parte — o Quarup e o Jawari. Apesar de bastante acirrada, essa luta não tem como objetivo aniquilar o adversário, com o vencedor humilhando o vencido. Pelo contrário, dá-se aos participantes oportunidade para se afirmarem. O vencedor fica famoso, torna-se respeitado e adquire *status* e ascendência sobre os demais, inclusive junto às mulheres, das quais ele se torna o preferido.

Para que um lutador se transforme em campeão de huka-huka (palavra para a qual ainda não se tem uma definição exata) é preciso muito treino e obediência a certas regras que fazem parte do universo místico e mágico do índio xinguano. Trata-se de uma prática esportiva que exige um aprendizado muito mais formalizado que o das danças e que vem acompanhada de uma série de prescrições. Os treinos começam na infância, quando os meninos, pelo hábito de observar quase que diariamente os adultos no centro da praça da aldeia, passam a imitá-los, lutando uns com os outros, como uma de suas brincadeiras prediletas. Mais tarde, quando adolescentes — período fortemente marcado por proibições e reclusões —, eles se submetem a treinos metódicos para se aprimorarem na luta que praticamente vai definir seu futuro. No Xingu, para que possa exercer a chefia ou a liderança, um índio precisa de ser um grande lutador de huka-huka. Como numa escola, os adolescentes se aprimoram com lutadores mais experientados, geralmente pessoas da família.

Em seu trabalho sobre o comportamento social e místico ocorrido durante a realização de um Quarup, o antropólogo Pedro Agostinho descreveu os cuidados mágicos que os lutadores têm para preser-

Ektachrome



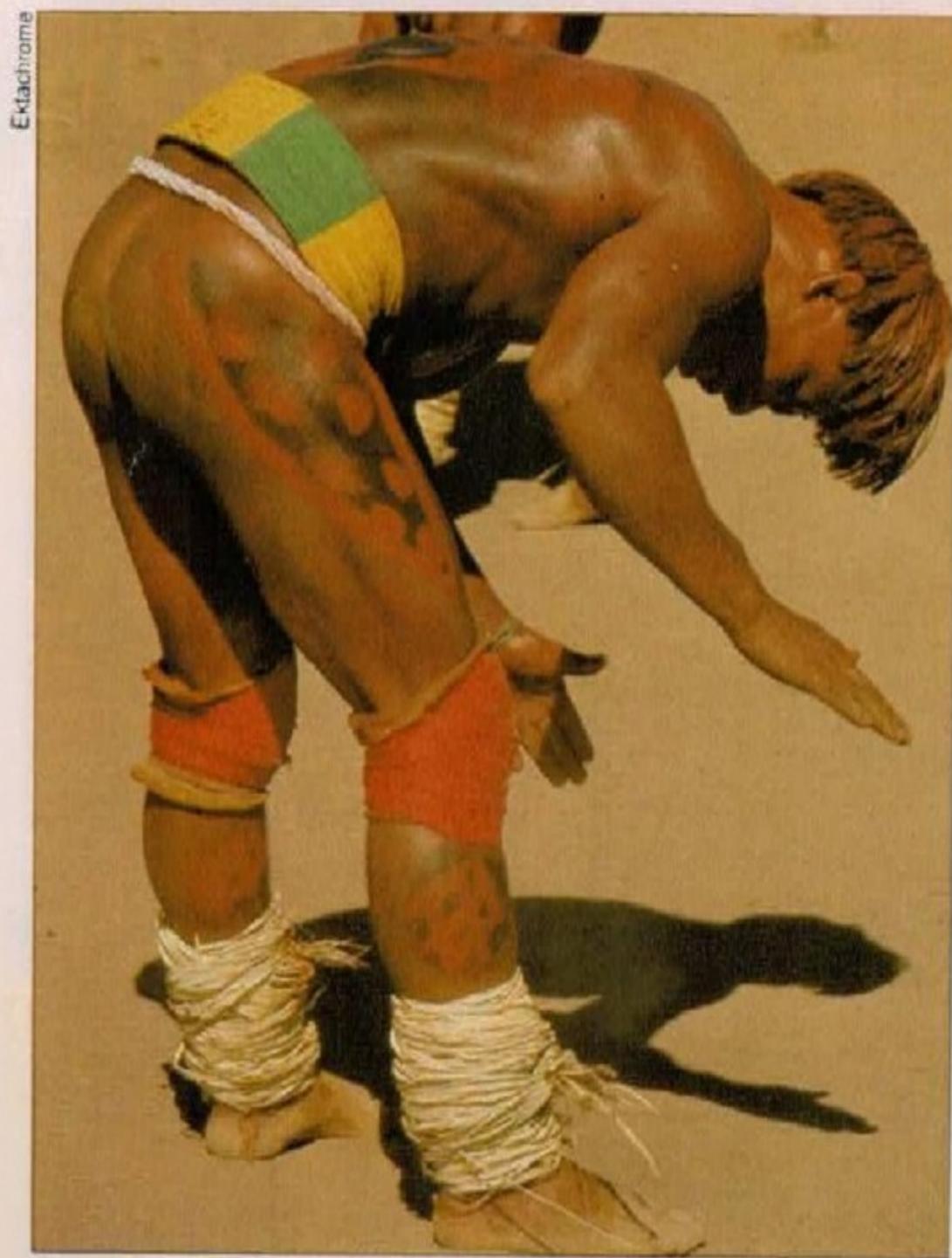


*Huka-Huka: A Luta Pelo Prestígio*

var sua integridade física e garantir a vitória contra o adversário. Entre outras coisas, ele diz: "... na noite que antecede à luta, os competidores não dormem, pois sonhar que se perdeu ou foi ferido traz fatalmente consigo, e, como consequência, o mal com que se sonhou." Por isto, a noite da véspera de um Quarup ou Jawari — cerimônias que sempre terminam com a luta ritual esportiva huka-huka — é uma noite de vigília. Os lutadores aproveitam para aquecer suas articulações, passando sobre as mesmas óleo de pequi, o fruto que simboliza, para os povos xinguanos, a vida em sua manifestação sexual e recriadora. Para passar esse óleo, depois de aquecido no fogo, eles usam um instrumento feito de unhas de tatu-gigante. Alguns estudiosos concluíram que isto é

para dar ao lutador a força de um tatu. Além disso, utilizam-se ainda de outras práticas cujos objetivos são incompreensíveis para os participantes da chamada "sociedade envolvente".

Ao chegar o dia, os lutadores — com os corpos brilhantes de óleo de pequi, avermelhados pelo urucum e enfeitados com coloridos cintos (alguns com motivos não mais xinguanos), braçadeiras e enfeites típicos daquelas tribos — se aprontam para a luta. Será o grande momento para o qual se prepararam por muitos dias, conscientes de que qualquer deslealdade provocará uma reação condenável por parte da platéia. A luta tem que ser limpa e, se algum lutador deixar que seu adversário caia sem lhe amenizar a queda, isso significa que ele está se valendo dos maus-



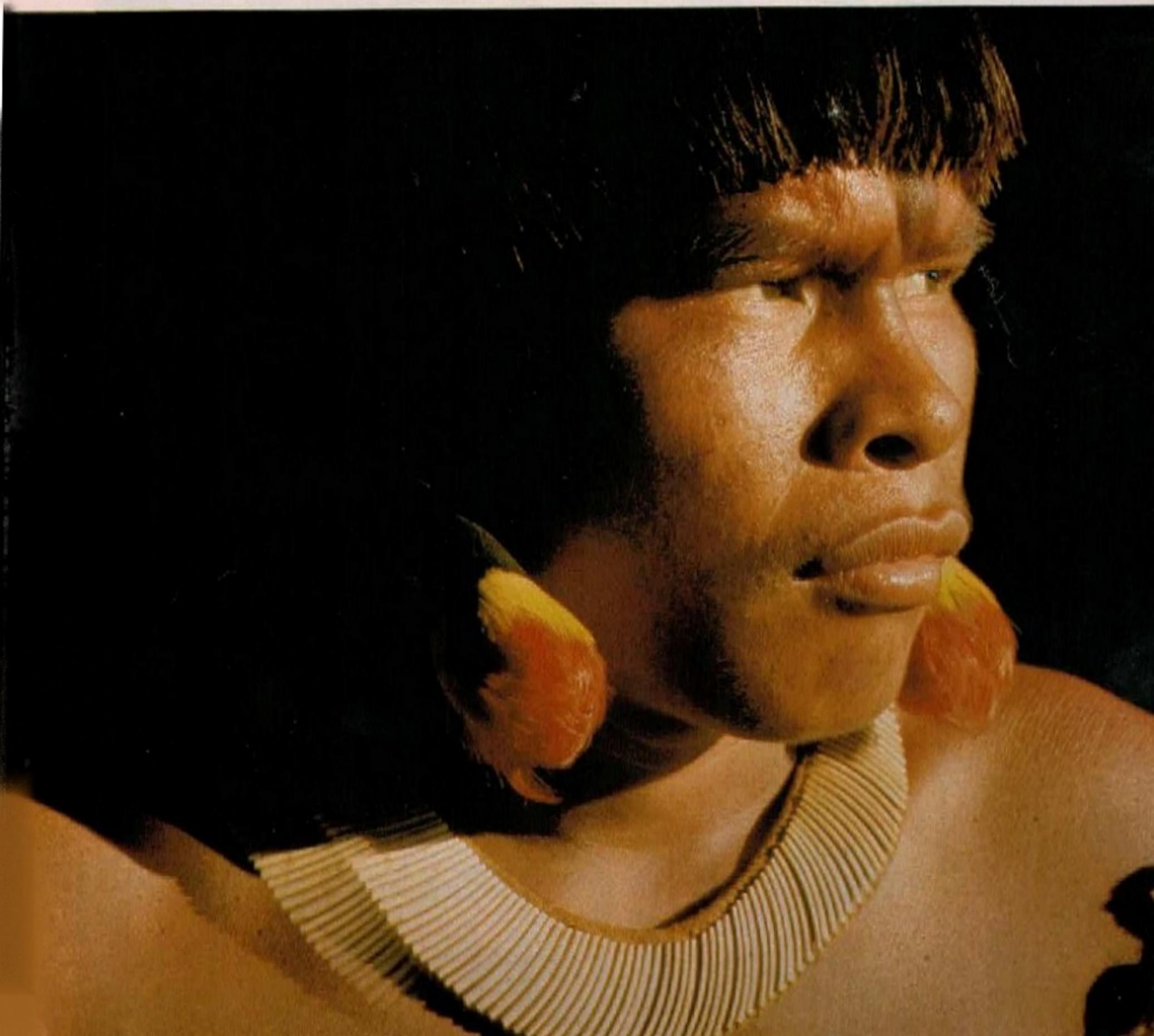
**Enfeitado** com um colar de caramujo, brincos de pena e braçadeira, também de penas, o jovem índio aguarda o momento de participar do huka-huka (foto ao lado). Em cima, um lutador de huka-huka treinando.



tratos, o que também é condenado pela assistência.

O momento exato da luta começa quando o diretor ou orientador do Quarup, de arco em punho no meio da praça — o centro da aldeia —, faz a chamada dos campeões locais, enquanto seu grupo de homens bate com os pés no chão e emite um grito rouco e prolongado. Sobre isto, diz o antropólogo Pedro Agostinho: "... os lutadores chamados adiantam-se e vêm postar-se de joelhos e mãos no chão, virados para a tribo desafiada; cabeças baixas, aí aguardam que todos os lutadores que o Yayat (diretor) considerou melhores se hajam colocado assim, lado a lado. Depois eles se levantam e voltam de onde vieram, à exceção do primeiro convocado ao pátio da luta. Este espera e enfrenta o adver-

sário que lhe enviam. A luta não é muito demorada. Os lutadores ficam de pé, um diante do outro, apenas com o braço esquerdo estendido. Curvados para a frente, rodam rápido. Olham-se e gritam sem parar 'ahu, ahu, ahu'. Em dado momento, caem sobre mãos e joelhos, encarando-se fixamente. Com movimentos bruscos procuram agarrar a perna e nuca do adversário." A luta huka-huka termina no exato momento em que um lutador consegue alcançar com a mão a parte posterior da coxa de seu adversário. Quando nem um nem outro dos lutadores consegue agarrar a curva da perna do oponente ou derrubá-lo de costas, a luta termina empatada. Os lutadores então se abraçam e voltam para seus lugares. A fase final da luta huka-huka, apesar de violenta, é muito discipli-

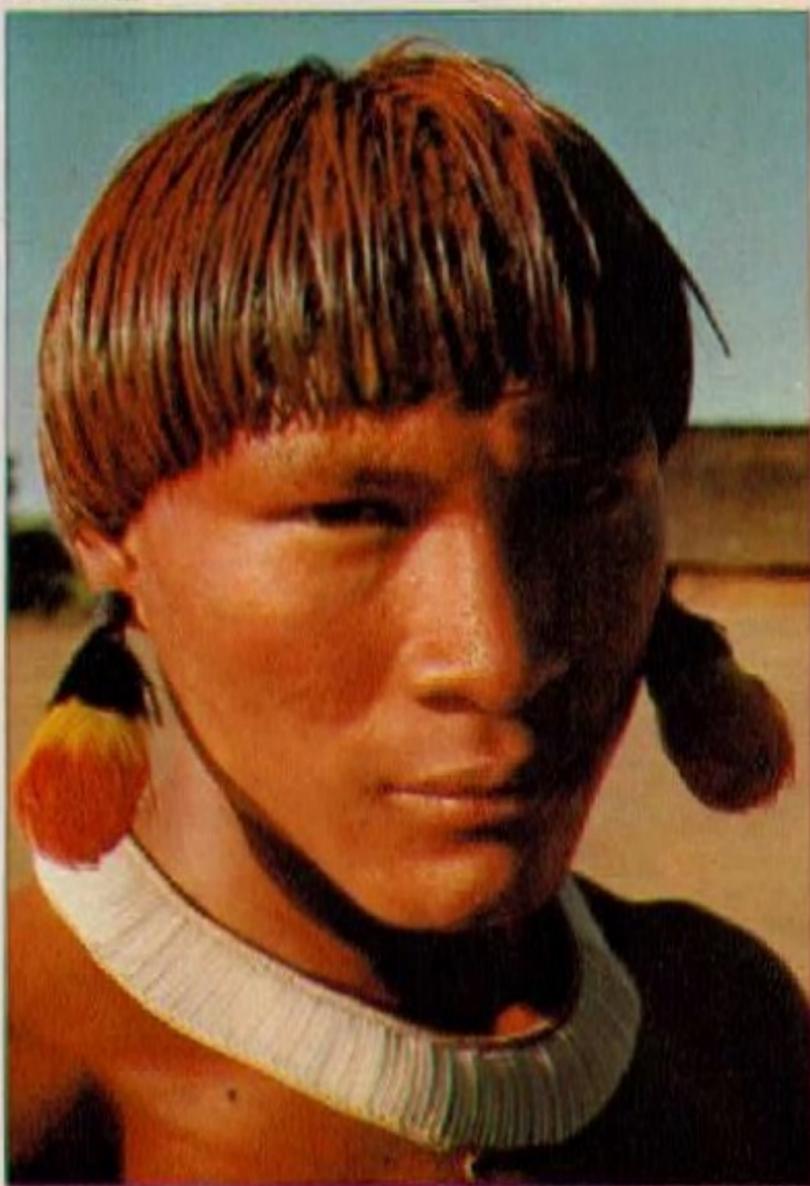




Ektachrome



Ektachrome



Ektachrome



**Os enfeites** usados pelos índios do Xingu geralmente diferem de grupo para grupo. Os que se vêem nestas páginas pertencem à tribo dos Kamayurá. Mesmo usando o mesmo tipo de enfeites ou de tangas, alguns acrescentam ou tiram determinados componentes. Os colares, braçadeiras e pingentes só são usados antes e depois da luta huka-huka.

Durante as cerimônias do Quarup e do Jawari, a comida é farta e as tribos convidadas são tratadas com a maior hospitalidade. A mandioca constitui um dos principais alimentos da festa. Na foto embaixo, o beiju, e, na outra página, o tabuleiro com mandioca já preparada.



Elmochrome

nada, e os contendores obedecem a regras preestabelecidas, tal como faziam seus antepassados. Às vezes, pode ocorrer um pequeno excesso, logo contido por algum parente, em geral mulher, ao perceber que um filho seu ou alguém muito chegado está sendo maltratado. Os lutadores sempre são muitos e há uma parte da competição em que o grupo convidado de uma aldeia vai até junto dos Quarups — troncos que representam os mortos homenageados — e, com um simples apontar de dedo ou declinando o nome, indica com quem se quer bater. A diferença entre este e outro estilo de luta é que ninguém espera o término do combate de um par para dar início a outro. Diversos pares se enfrentam em meio a muita poeira, grande torcida, principalmente por parte das mulheres, gritos e expectativa dos assistentes. Para que lutadores participem do huka-huka, o convite é feito a cada tribo por uma espécie de mensageiro, a quem chamam de Pariat. Aceito o convite, o mensageiro retorna à sua aldeia, contando com detalhes tudo o que aconteceu e a maneira com que

foi recebido. No dia aprazado os visitantes chegam e, respeitando o conceito existente sobre a *área de uma tribo*, não penetram na aldeia, ficando acampados um pouco distantes — em local determinado pelo próprio Pariat — até que seja determinada a sua entrada na praça da aldeia.

O huka-huka sempre acontece nas cerimônias do Quarup e no ritual do Jawari, dois grandes acontecimentos do Alto Xingu, dois tipos de homenagem aos mortos. Neste período o universo xinguano torna-se mais colorido que em outras épocas. Os índios, espectadores ou participantes, se enfeitam com os tradicionais colares feitos de caramujo, as braçadeiras adornadas com belas penas, os cintos que, de alguns anos para cá, apresentam a novidade das miçangas (que formam desenhos com motivos do mundo dos chamados *civilizados*) e outros enfeites que sempre têm algum significado ou um sentido para eles. O urucum, já transformado numa massa vermelha, é usado para pintar o corpo dos índios, bem como o jênipapo, o carvão e outros materiais de que



Estochrome

eles extraem as tintas para suas pinturas. A aldeia que promove o Quarup ou o Jawari tem uma grande preocupação: a de que a alimentação seja farta para os convidados, pois pouca comida é sinal de avareza, um defeito muito grave para os índios. É tempo de danças, lutas, cantos e de certos rituais que em muitos casos fogem à compreensão do homem branco. O campeão atual de huka-huka, em todo o território do Xingu, é o jovem líder Yawalapiti, o atlético e já famoso Aritana. No passado, um dos campeões invencíveis de toda aquela área foi o atual “maior pajé xinguano”, o Capitão dos Kamayurá, Takumã, um chefe cuja liderança é respeitada nos quatro cantos do Parque Nacional.

O Quarup, cerimônia para mortos, compartilhada por todas as tribos, dividida em dois ciclos, é antes de tudo um ato simbólico de recriar. Nele são homenageados os mortos, representados por troncos que, antes de serem colocados nas covas — um local bem no centro da aldeia —, obedecem a um longo e tradicional ritual.

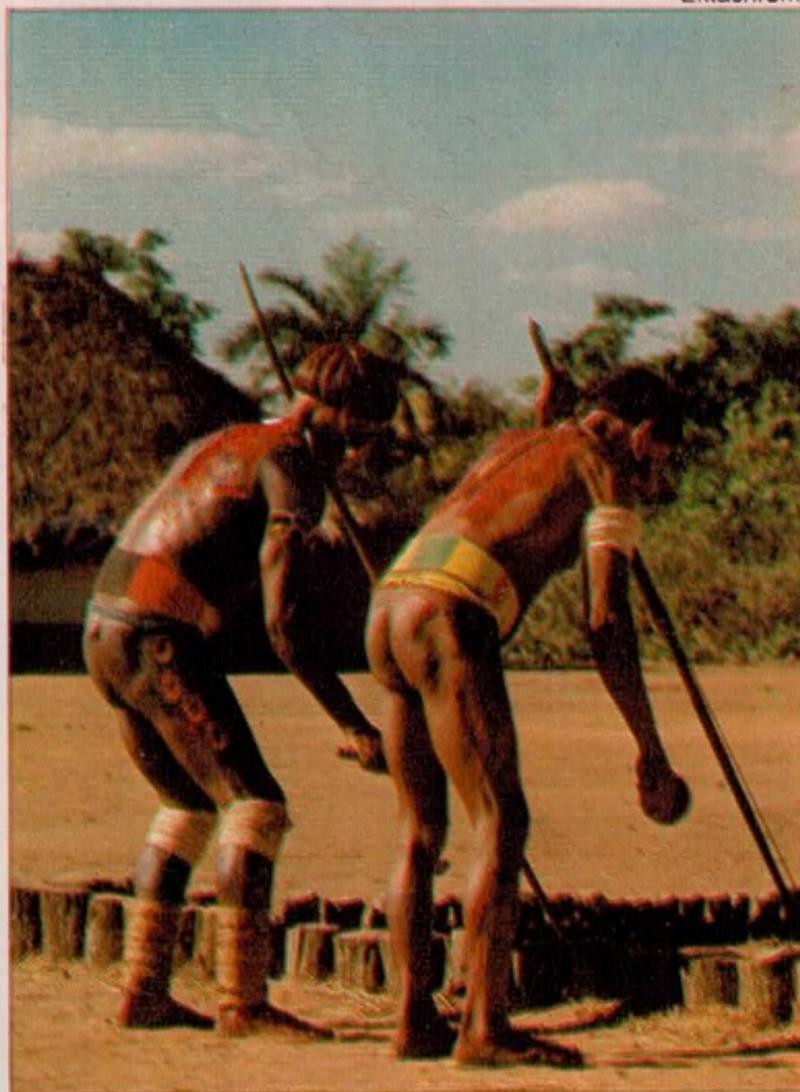
Na manhã que antecede o anúncio de que devem ser pintados, os troncos são retirados do mato, onde ficam escondidos dos olhos das mulheres. Não se retira sua casca totalmente, sendo só aparadas as irregularidades que apresentam. Índios conhecidos por sua grande habilidade na pintura são escolhidos pelos “enterradores dos mortos respectivos” para pintar o Quarup. Pintados de branco, os troncos recebem uma camada de tabatinga, sobre a qual são feitos desenhos geométricos, além de um pequeno rosto voltado para o nascente, tal como ficam os mortos em suas covas, a fim de que, de frente para o sol, possam ver bem o caminho que os levará à Aldeia dos Mortos — o céu dos índios. Durante a cerimônia, antes da luta huka-huka, vários acontecimentos se vão sucedendo. Cantadores com chocalhos, postados atrás dos Quarup, iniciam seus cantos que, prolongando-se pelo dia e pela noite adentro, só terminam ao amanhecer. A dança do Quarup, sempre feita por homens, acontece ao entardecer. Uma dança de coreografia muito simples que exige um

grande número de participantes e da qual pode fazer parte quem para ela estiver disponível. Durante a noite, mulheres, verdadeiras carpideiras, choram os mortos. Fogueiras ficam acesas para evitar que os Quarup ganhem vida e se transformem em espíritos. Enquanto se entoam temas do canto do Quarup, as mulheres se lamentam, os tocadores de flautas longas fazem seus sons e os índios que irão lutar huka-huka no dia seguinte aquecem as articulações com o óleo de pequi. Afinal de contas, é a eles que caberá a parte mais alegre da festa, a mais viva, o momento em que a própria vida é celebrada. Da mesma maneira que o Quarup, também o Jawari é uma homenagem aos mortos, se bem que em menor escala, mas sempre terminando com a luta huka-huka. Os Trumai — um povo de língua totalmente isolada e que estava chegando a um processo de extinção — praticamente se salvaram por cau-

sa deste ritual, que outrora era só deles e hoje está difundido por outras comunidades xinguanas. Quando os irmãos Vilas-Boas chegaram ao Xingu, depararam com essa tribo em vias de desaparecimento. Entre os motivos que provocaram esse quase extermínio de um povo estavam os conflitos com outros grupos, sobretudo os Kamayurá e os Suiá. Donos do cerimonial do Jawari, os Trumai ensinaram-no aos Kuikuro, os quais, por sua vez, o difundiram entre as demais comunidades xinguanas. O ritual teve imediata aceitação e proporcionou grande prestígio aos seus introdutores. Competição esportiva simbólica da atividade guerreira entre duas tribos, o Jawari consiste em atirar uma flecha de ponta rombuda por meio de um propulsor. O objetivo é atingir a coxa do adversário que, procurando defender-se com um feixe de varas, se esquiva das flechas sem tirar os pés do chão.



A luta ritual esportiva huka-huka, cujo nome, segundo alguns estudiosos, deriva de uma onomatopéia resultante dos gritos emitidos pelos lutadores durante a peleja, sem dúvida alguma jamais será esporte para os chamados homens civilizados. Antes de tudo ela exige treinos que vêm desde a infância e que praticamente se prolongam pela vida toda, já que é muito comum ver homens não muito jovens em disputa no centro da aldeia. Exige também muita força, disposição, saúde e resistência — coisas comuns ao homem xinguano, um belo povo que gosta de se enfeitar e de manter suas tradições. Além do mais, diferentemente do que acontece na “sociedade envolvente”, os participantes da luta huka-huka, para se tornarem chefes, têm necessidade, antes de mais nada, de mostrar vitória na luta, disposição para enfrentar o adversário e — com a mesma dignidade — ganhar ou perder. □



**Os lutadores de huka-huka** são escolhidos pelos líderes de cada grupo. Antes de iniciar a luta, os participantes passam no corpo óleo de pequi, que os torna mais escorregadios. Em cima e na outra página, o huka-huka, e, ao alto, índios com chocalhos cantam músicas do Quarup.